

Sem presbítero, não, mas sem povo, sim?

SIMONA SIGOLONE RUTA

Desde o dia 24 de fevereiro, a começar pelo norte da Itália, as comunidades cristãs estão proibidas de reunir-se, o que torna praticamente impossível a celebração eucarística e outras atividades pastorais nas paróquias. A partir de então, com o auxílio dos instrumentos de transmissão na modalidade “streaming”, como Facebook, Youtube, os padres têm celebrado “sem fiéis” ou “sem povo”. Contrariando as próprias orientações da Instrução Geral do Missal Romano, “celebram” até mesmo sozinhos, sem que haja ao menos a presença de um ministro, como prevê o direito litúrgico. Neste contexto de jejum eucarístico, teólogos(as) têm refletido acerca do significado dessas iniciativas e o impacto na pastoral e na espiritualidade dos cristãos e cristãs.

*A seguir, compartilhamos a análise de **Simona Sigolone Ruta**, leiga italiana da Diocese de Perugia-Città della Pieve, doutora em teologia e professora de Teologia Sistemática, Teologia Trinitária, Ecclesilogia e Mariologia no Instituto Teológico de Assis. É membro do conselho diretivo da Coordenação das Teólogas Italianas e da Associação Teológica Italiana. O artigo foi-nos gentilmente cedido pelo Il Regno, originalmente publicado no dia 19 de março de 2020. A tradução é de Márcio Pimentel.*

Pela primeira vez, a Igreja deve enfrentar uma pandemia gerida com critérios científicos, que aconselham o isolamento das pessoas. A situação é difícil, inquietante até, e merece atenção e cuidado, começando pela proximidade (quanto possível) de quem sofre e de quem vive sozinho. Do ponto de vista eclesial, não tem sido fácil decidir sobre o que fazer. A decisão de suspender toda atividade pastoral e celebração eucarística no intuito de atender as orientações dos especialistas que recomendam o isolamento, a fim de estagnar o contágio e salvar a vida de muitos, se mostra tanto desagradável quanto necessária. De outro lado, o modo com o qual essa orientação tem sido posta em prática exige, reflexão, para nos ajudar a clarear aquilo que pensamos a respeito, seja da celebração eucarística, seja da própria Igreja.

Começemos com a observação de que, na realidade, as celebrações não foram de fato suspensas, mas continuam “a portas fechadas” ou “sem povo”. Essa escolha está baseada na ideia de que a Igreja não pode fazer outra coisa que, no mínimo, celebrar, mas de fato de-



clara, com extrema elasticidade, que não é necessário reunir o povo para celebrar quando isso se torna impossível devido a graves problemas. Os ministros¹ reúnem-se entre si (ou com a presença de

algum fiel, para não celebrar sozinho) e os institutos religiosos masculinos fecham a porta realizando uma celebração privada. Ninguém o faria se não fosse obrigado, mas a questão é pensarmos se, no caso de uma situação de emergência, podemos fazê-lo. E é exatamente isso que deveria fazer-nos refletir: talvez numa situação de emergência revelamos aquilo que somos realmente, e é justo tentar encará-lo.

Antes do pão e do vinho, a assembleia

Devemos saber que, quando celebramos a eucaristia, antes de tudo reunimos o povo. Constitui-se uma assembleia não predeterminada ou selecionada, mas convocada pelo Espírito: eis a primeira “matéria” para poder celebrar. O povo convocado é mais importante do que o pão e o vinho e, sem ele, não temos eucaristia. É o ministro *quem* torna possível,

com o próprio ministério (imposição das mãos e oração), o gesto que a assembleia deve cumprir (tomai e comei) para tornar-se um só corpo (**ao comer do único pão**). Obviamente, se isto é a eucaristia, não podemos celebrá-la se o povo não pode se reunir.

O que fazemos, então, neste momento em que celebramos “sem povo”?

Provavelmente, retornamos ao modelo tridentino, segundo o qual o ministro oferece o sacrifício a Deus por todos². Não estamos mais diante de uma ação do povo (este é o significado da palavra “liturgia”), mas estamos diante de um rito celebrado naquele único presbitério ao qual se poderiam associar outros fiéis, presencialmente, ou através da Web.

A praxe que escolhemos nesta emergência coloca seriamente em discussão a reforma litúrgica do último concílio e, com ela, o modelo de Igreja que a sustenta. A mensagem transmitida é de que são os ministros que devem pensar tudo aquilo que serve e de que o povo, por sua vez, deve acompanhar, como os torcedores do próprio time ou como os seguidores de um autor no *Tweet*. Sei que as intenções não são essas, mas aquelas de sustentar todos com a oração. No entanto, a oração pode ser feita sem o gesto que possui, ao contrário, uma natureza precisa, a qual exige, essencialmente, reunir o povo, a fim de que possa tornar-se um só corpo a partir do dom que Cristo faz de si mesmo.

Retorno à “*societas inaequalis*”

Se declaramos o povo como acessório para a liturgia, regredimos à *societas inaequalis* (sociedade desigual), centrada na práxis sacramental: nada de sacerdócio batismal, nada de sinodalidade, nada de centralidade da evangelização. E, de fato, estamos preocupados (feitas as devidas exceções) em veicular missas por meio de *streaming*, e não em ensinar a rezar em família, nem em intensificar a pregação com os canais adequados a um processo comunicativo como aquele que a pregação realiza e que pode suportar a ausência física em situação de emergência.

As escolhas feitas, que preveem celebrações “sem povo”, não só contradizem a ação litúrgica eucarística, mas dividem a mesma comunidade eclesial: temos, de um lado, os ministros, que encontram grupos de religiosos e religiosas, ou qualquer leigo escolhido com os quais celebrar e, de outro lado, todos os outros, que são mantidos fora. De qualquer modo se repete – ainda que não sejam essas as intenções de ninguém – o que Paulo denunciava,

na primeira carta aos Coríntios (11,17-34), a respeito das celebrações que, ao invés de celebrarem o gesto de Cristo (comer juntos o único pão para ser um só corpo), realizavam divisões (um toma o próprio alimento e o outro tem fome). Ocorre o mesmo hoje: alguns celebram e outros não e, dessa maneira, convertemos a celebração não em lugar do único corpo, mas num espaço de divisão.

Talvez fosse melhor que todos jejuassem

A situação é nova, não é fácil encontrar o caminho. Talvez, *se jejuassem todos, se realizaria* de modo mais pleno o gesto de Jesus, que deu a si mesmo para que os seus fossem um corpo só e, assim, *viveríamos* no meio dos demais, dando a *nós* mesmos como ele, como uma memória perpétua e vivente do seu gesto

Em países de outros continentes, muito comumente o povo deve renunciar à celebração porque não há quem possa presidir e, então, tornar possível o gesto de todos; nós, quem sabe, poderíamos ter renunciado a celebrar porque não podemos reunir o povo, que é o protagonista do gesto eucarístico. Isso não ocorreu porque, infelizmente, ainda não maturamos tal consciência e pensamos que, no fundo, o presbítero seja o protagonista da celebração eucarística, de modo que dele não se pode prescindir, mas do povo sim. Pensam desta forma não apenas muitos ministros, mas também grande parte do povo que, infelizmente, prefere saber que alguém “diz a missa”³ à qual se pode unir “espiritualmente”, que saber-se indispensável, para que possa ocorrer celebração eucarística.

Agora não é o momento, devemos responder à emergência em curso e fazer o bem que nos compete; mas depois, uma vez passada a tempestade, será necessário nos confrontarmos com esta experiência, para pôr os gestos coerentes com o significado que possuem e para crescermos na unidade, que só o Ressuscitado pode realizar.

¹ Neste artigo, quando a autora escreve “ministro/ministros” sempre se refere aos ministros ordenados e que podem presidir a eucaristia, isto é, presbíteros e bispos. Quando fala em celebração sem especificar, refere-se mormente à eucaristia.

² Pode significar, tanto “em benefício de todos”, quanto “em nome ou no lugar de todos”. Pelo contexto, provavelmente se refere à segunda opção.

³ Italianismo para referir-se ao ato do padre ou bispo “recitar” a missa como se o fizesse diante dos outros que o assistem. É uma forma de falar da celebração eucarística que traduz a perspectiva ainda tridentina.